

Teatro do Oprimido e Aprendizagem Transformadora em Organizações: uma breve revisão

RAFAEL AUGUSTO KWIATKOSKI VIEIRA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

TEATRO DO OPRIMIDO E APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA EM ORGANIZAÇÕES: UMA BREVE REVISÃO

INTRODUÇÃO

Há muitas discussões sobre propostas teóricas e metodológicas que sejam capazes de fomentar um processo de desenvolvimento humano nas organizações (KUCHINKE, 2010); tomando a educação como possível caminho de transformação, uma das teorias que se apresentam é a Teoria da Aprendizagem Transformadora, que busca provocar reflexão crítica profunda (MEZIROW, 1997), potencialmente capaz de modificar as premissas que sustentam dimensões individuais e coletivas da vida em sociedade.

Desenvolvida nos Estados Unidos da América, por Jack Mezirow, a Teoria da Aprendizagem Transformadora tem um conjunto de influências em sua formulação, como o pensamento paradigmático de Kuhn, os domínios de aprendizagem de Habermas e, principalmente, a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (KITCHENHAM, 2008). Um dos pensadores de maior influência no universo acadêmico, Freire influenciou diversas áreas do saber, especialmente aqueles que guardam alguma relação com processos de ensino-aprendizagem e que levam em conta o contexto social como algo fundamental e impossível de ser posto de lado no debate sobre desenvolvimento humano e social.

No bojo da influência freiriana, uma nova forma de arte é inventada: o Teatro do Oprimido. Augusto Boal defendia ser possível, através da estética do teatro, estimular mudanças pessoais e sociais (BABBAGE, 2018), por meio de técnicas que colocassem em evidência as forças presentes em determinada cena, bem como a provocação de instrumentos capazes de modificá-la. O processo de conscientização e posturas desafiadoras às desigualdades sociais marcam os trabalhos de Freire e Boal (CANDA, 2012) de maneira significativa, que se desenham como formas ativas e dialógicas de interação e reflexão crítica.

Aspectos políticos, éticos, estéticos e sociais permeiam as intersecções freirianas existentes tanto na Teoria da Aprendizagem Transformadora quanto no Teatro do Oprimido. Pretende-se, no presente trabalho, tecer relações entre a Teoria da Aprendizagem Transformadora, uma andragogia, já utilizada em Organizações (RIGG; TREHAN, 2008), e o Teatro do Oprimido, de Boal. Através de um levantamento da literatura existente a respeito da utilização do Teatro do Oprimido em Organizações, pretende-se avaliar possíveis pontos de contato da proposta artística, de Boal, com a proposta androgógica, de Mezirow.

Este trabalho tem como propósito, portanto, problematizar a articulação entre ambas as teorias como uma forma de potencializar a transformação de pessoas, acreditando ser esse um caminho inexorável para a transformação do mundo (GUATTARI, 2012a), passando pelas organizações. A busca por justiça social e sustentabilidade é tratada, aqui, como algo atravessado pela produção de subjetividades e a possibilidade de pensar uma nova ecologia (GUATTARI, 2012b), que leve em conta aspectos subjetivos, sociais e ambientais.

O objetivo é tecer conexões entre possíveis utilizações do Teatro do Oprimido em Organizações e a Teoria da Aprendizagem Transformadora. Como parte do caminho, efetuou-se uma breve revisão da literatura a respeito da utilização do Teatro do Oprimido em Organizações. A partir desta revisão, é feita uma análise das conexões estabelecidas entre os estudos organizacionais que trabalham com o Teatro do Oprimido e a Teoria da Aprendizagem Transformadora. Por fim, apresentam-se as contribuições possíveis dessa aliança, para a construção de uma práxis que leve em conta a reflexão crítica e a ação transformadora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Teoria da Aprendizagem Transformadora

A Teoria Aprendizagem Transformadora se desenvolveu nos Estados Unidos da América, em um contexto de reinserção de mulheres em universidades ou em postos de trabalho, após terem passado um tempo significativo fora desses lugares. Jack Mezirow, principal expoente da teoria, procurou entender como se davam os processos de aprendizagem e como eles poderiam ser capazes de promover transformações epistêmicas e ontológicas na vida dos estudantes (MEZIROW; TAYLOR et al., 2009). Nos desenvolvimentos iniciais da teoria, Mezirow sofreu influências de três construtos teóricos: o paradigma de Kuhn, a conscientização de Freire e os domínios de aprendizagem de Habermas (KITCHENHAM, 2008).

A ideia de paradigma, desenvolvida por Kuhn para tratar das revoluções científicas (KUHN, 2017), assume na Teoria da Aprendizagem Transformadora um caráter mais individual, sob a forma de quadros de referência; para Mezirow, os quadros de referência são conjuntos de perspectivas de significado compartilhadas, em nível profundo; ou seja, um indivíduo constrói os significados, o pensamento, as próprias perspectivas, a partir de quadros existentes e compartilhados de uma maneira mais ampla, que envolvem valores, crenças, significados existentes na sociedade. Em Kuhn, a revolução científica se dá de forma disruptiva, pela transformação do mundo após determinados saberes não se revelarem mais suficientemente capazes de explicar os problemas atuais; em Mezirow, os quadros de referência podem ser transformados a partir da revolução da reflexão crítica, que questiona os pressupostos existentes a partir de dilemas desorientadores, ou seja, a partir de situações que desafiam os quadros de referência já estabelecidos e incapazes de responderem às problemáticas vividas pelos indivíduos.

Na construção teórica de Mezirow, o conceito de conscientização, de Freire, assume papel central, à medida que é somente por meio da reflexão crítica que a aprendizagem transformadora se torna possível, sendo impossível pensar qualquer ação educativa sem uma reflexão sobre o homem (FREIRE, 2020). Passa pela reflexão crítica a busca por soluções ou a proposição de novos problemas, talvez esta última proposta ainda mais importante do que a primeira (LEMOS; BRUNSTEIN, 2023). A conscientização freiriana conectava-se aos dilemas sociais como desorientadores; afastando-se de uma ideia de vontade divina como condição, o pensador brasileiro provocava a reflexão dos motivos, das raízes da opressão, através de uma crítica que fosse capaz de conectar a realidade dos estudantes adultos, em processo de alfabetização, às condições materiais que produziram as expressões de vida ali encontradas. Portanto, a percepção das condições sociais, políticas e econômicas era algo fundamental, na pedagogia de Freire, para que o indivíduo pudesse pensar e agir de maneira emancipatória. O potencial transformador da educação estaria, assim, em criar possibilidades de desmantelamento da opressão, através de uma perspectiva problematizadora e libertadora, construída coletivamente (FREIRE, 2022). Talvez pelas características culturais e sociais distintas entre os lugares de ação de Freire e Mezirow, um no Nordeste do Brasil, e outro predominantemente em Nova Iorque, o caráter mais social da emancipação, presente no primeiro, ganhou um contorno mais individual no segundo, como uma emancipação que passa principalmente pela transformação das próprias premissas que sustentam o pensamento e a ação.

Quanto aos níveis de aprendizagem, a principal influência exercida na Teoria da Aprendizagem Transformadora veio do pensador alemão Habermas, que propôs três domínios de aprendizagem: técnico, prático e emancipatório; enquanto o domínio técnico é essencialmente mecânico e dominado por regras, o prático é envolto por normas sociais que medeiam as experiências. No domínio emancipatório, vislumbra-se a autorreflexão como condição para uma tomada de consciência crítica a respeito do mundo e de si mesmo. Em Mezirow, esses três domínios são traduzidos em tipos de aprendizagem, quais sejam: instrumental, dialógica e autorreflexiva (KITCHENHAM, 2008). Somente no desenvolvimento da autorreflexão e da reflexão crítica, para Mezirow, os indivíduos são capazes de transformar perspectivas de significado, em um movimento emancipatório que interfere na composição dos quadros de referência.

A Teoria da Aprendizagem Transformadora é voltada a adultos, pois as crianças ainda não têm os quadros de referência formados e a teoria visa a transformação desses quadros, pela reflexão que chegue ao nível das premissas, dos pressupostos; a base da educação verdadeiramente significativa, nesse sentido, é a transformação de si, pois a aprendizagem transformadora é aquela que acontece no domínio das visões de mundo, dos valores, significados e crenças, que são o cerne dos pressupostos. Nesse sentido, a aprendizagem transformadora merece lugar de destaque nas organizações, à medida que é nesses lugares que muitos modos de vida são produzidos na atualidade (DELEUZE, 2013); a capacidade crítica é uma condição de afirmar a vida em sua potência, já que é através dela que se assume a responsabilidade pela construção de subjetividades e sociabilidades condizentes com o que se deseja, desvelando as opressões e construindo espaços reflexivos como prática de liberdade (COTTER, 2014).

Teatro do Oprimido

Desenvolvido por Augusto Boal durante período em que viveu no exílio, por conta de sua atuação política contra a Ditadura Militar então instalada no Brasil, o Teatro do Oprimido foi assim nomeado como forma de homenagear Paulo Freire (CANDA, 2012), cuja principal obra é o livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2022). Boal toma o teatro como ferramenta capaz de problematizar as questões sociais e políticas e propõe perspectivas novas a partir da atuação: o lugar comum de espectador é desconstruído, enquanto aquele que apenas assiste; o convite do Teatro do Oprimido é o de envolvimento ativo, reflexão e diálogo, por meio de técnicas e exercícios teatrais interativos, nos quais os membros da plateia têm sua capacidade de ação posta em cena, como “espect-atores” (BOAL, 2019).

O espaço de desenvolvimento do Teatro do Oprimido é qualquer lugar onde a expressão cênica seja capaz de problematizar o estabelecido; a partir de uma compreensão de que os lugares de oprimidos e opressores são construídos socialmente, a experiência reflexiva e dialógica toma lugar nessa arte teatral; não há, portanto, atuação neutra: além de portar sentidos, significados, valores, a atuação é problematizadora das condições que os produzem, de maneira crítica. Apesar de se dar em um outro campo teórico-metodológico, a proposta reflexiva assemelha-se às construções formuladas por Mezirow, em relação à aprendizagem significativa: para Boal, o processo de conscientização é uma condição de emancipação e se dá por meios simbólicos e sensíveis, que trazem à tona as realidades e as possibilidades de transformá-la (BOAL, 2009). O exercício estético do teatro é entendido como capaz de ampliar a compreensão da realidade e desenvolver meios de modificá-la, para transformar o mundo.

A arena teatral é, por definição, coletiva; em não se tratando de um monólogo, a convivência dos atores no palco acontecerá e, no Teatro do Oprimido, com a possibilidade de o espectador tornar-se protagonista, o envolvimento constrói-se, negocia-se coletivamente. O

Teatro do Oprimido tem por característica trazer à tona situações reais, histórias da vida cotidiana que bem poderiam ser experienciadas em outros palcos. A complexidade dos conflitos, como na vida, nem sempre pode ser solucionada de maneira individual pelo protagonista; os participantes, então, são convidados a analisar profundamente a cena, buscando as causas de sua ocorrência, o que há de opressão subjacente, quais os mecanismos de possível, e produzem um convite de transformação da situação encenada (ROMANO, 2019). O espaço teatral, constituídos por uma coletividade situada historicamente, socialmente, politicamente, goza das potencialidades do possível (DELEUZE, 2010), daqueles que ali estão, com suas experiências e limites, encenando a realização de acontecimentos.

As distinções simplistas são complexificadas, de forma que lidar com os problemas e realidades enfrentadas exige capacidade de reflexão; os sistemas sociais, postos em relevo, passam por uma compreensão do grupo que atravessa os participantes, por meio da criação de um fórum, um espaço de debate que seja capaz de encaminhar ações, nas quais os membros estejam envolvidos, comprometidos e capazes de agir (ROMANO, 2019). Portanto, além da crítica social e do pensamento sobre a realidade, é preciso um debruçar-se sobre si, sobre a própria capacidade de agir, o que exige a reflexão crítica a respeito da própria vida e das relações com os outros, materialmente na cena do Teatro, como expressão da vida “lá fora”.

Portanto, a proposta é a de algo maior do que um exercício representativo; é colocar em ação uma potência, convocando um devir contra a história (DELEUZE, 2010), por meio do deslocamento das forças presentes. Não se trata de ir contra a história, mas contra as forças opressoras presentes na história e na sociedade, pois o oprimido da década de 1960 não é o mesmo de hoje. Perguntar sobre como a história se atualiza é recolocar as forças em jogo, definir novamente os lugares, a plateia e a atuação. A organização é um palco e dar a capacidade a seus atores de interferir no desfecho da peça parece algo significativo, se assumimos que a vida é carregada dos significados que se fazem pelo caminhar da trama.

São os sentidos entrelaçados do Teatro do Oprimido e da Teoria da Aprendizagem Transformadora, especialmente a reflexão crítica e ação como potência de transformação, que motivaram o presente trabalho. Abaixo, serão descritos os procedimentos para levantamento do material bibliográfico, que será posteriormente discutido com mais profundidade.

PROCEDIMENTOS PARA LEVANTAMENTO DA LITERATURA

A revisão da literatura foi feita nas bases de dados Web of Science e Scopus, a partir do termo “Theatre of the Oppressed”. Na Web of Science, a pesquisa ocorreu no campo “Tópico”, que compreende “Título”, “Resumo” e “Palavras-Chave do Autor”; para refinamento dos trabalhos por área, aplicou-se o filtro “Management”. Na Scopus, os campos pesquisados foram “Article Title”, “Abstract” e “Keywords”; para refinamento dos trabalhos por área, aplicou-se o filtro “Business, Management and Accounting”. Na próxima seção, serão apresentados os resultados das buscas citadas, contextualizando-os em relação ao total de trabalhos por área, autor, ano de publicação, formato e idiomas.

Adicionalmente ao levantamento feito nas bases de dados Web of Science e Scopus, foram pesquisadas quatro revistas específicas, por seu tipo de conteúdo, considerando que poderiam contribuir para o levantamento da literatura. São elas: 1) Management Learning; 2) Journal of Transformative Education; 3) International Journal of Management, Knowledge and Learning e 4) Journal of Transformative Learning. Os achados serão apresentados de forma detalhada na próxima seção.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sobre os dados levantados nas bases

A busca na base Web of Science apresentou os seguintes resultados: foram encontrados 132 trabalhos a partir do termo “Theatre of the Oppressed”, antes da aplicação do filtro “Management”; deste total, constam apenas três autores com três publicações cada, 11 autores com duas publicações cada e todos os outros autores, num total de 101, com apenas uma publicação a respeito do Teatro do Oprimido.

O formato de “Artigo” prevalece, com 101 trabalhos (76,5% do total). Quanto aos idiomas de publicação, o Inglês é predominante, com 122 publicações; a segunda posição é ocupada por trabalhos em língua portuguesa, com apenas quatro trabalhos. Quanto às categorias utilizadas para classificação, “Education Educational Research” tem 40 publicações e “Theatre”, 35; somadas, representam 56,8% dos materiais. A categoria “Management” ocupa a 13ª posição, com três artigos, que constarão mais abaixo, nessa mesma seção.

Os dados permitem um caminho interpretativo de que há baixo nível de especialização no assunto, visto que não há nenhum autor, em toda a base, com mais de três artigos publicados sobre o tema; além disso, a imensa maioria dos autores (89,4%) publicou apenas um trabalho a esse respeito. Quanto ao interesse, aparentemente é crescente, visto que há publicações desde 1986, mas 71 trabalhos (53,8%) foram produzidos de 2018 para cá; pela baixa quantidade dos estudos em “Management”, é possível afirmar que há possibilidades de contribuir com a literatura através de novos estudos.

Na base Scopus, encontrou-se o seguinte: 279 trabalhos, anteriores à aplicação do filtro “Business, Management and Accounting”; deste total, há cinco textos do criador do Teatro do Oprimido – Augusto Boal, dois autores com quatro publicações cada, 13 autores com três publicações cada, 36 autores com duas publicações cada e todos os outros autores, num total de 155, representando a maioria (55,6%), com apenas uma publicação a respeito do Teatro do Oprimido.

Os artigos formam 63,8% do total de trabalhos, somando 178. As publicações em Inglês despontam novamente, com 253 do total, contra o segundo lugar em língua portuguesa, com apenas 13. As categorias de classificação revelaram predominância maciça em “Social Science”, com 182 materiais, o que representa 65,2% do total; tomou-se, por esse motivo, um cuidado adicional de inserir no filtro “Search within results” o termo “Organizations” – resultando em 27 trabalhos, mas somente um deles tratava de intervenção em empresa – o qual também estava contemplado na área “Business, Management and Accounting”, que totalizou sete artigos – 7ª posição entre as áreas. Destes sete artigos, dois constavam na base da Web of Science, o que fez com que fossem obtidos oito trabalhos no total, os quais irão compor a revisão de forma detalhada, logo adiante.

As buscas na base Scopus reforçaram os caminhos interpretativos apontados na busca da Web of Science. Embora haja um número mais robusto de trabalhos, há uma proporcionalidade nos achados, que revelam um interesse crescente – com 134 publicações na Scopus (48%) ocorridas desde 2018, um número pequeno de autores dedicados de forma recorrente ao tema, bem como a possibilidade de um crescimento expressivo de pesquisas a esse respeito em Organizações.

Sobre os levantamentos em revistas especializadas

Aqui serão detalhados os resultados obtidos através das pesquisas nas quatro revistas específicas citadas na seção de Procedimentos para Levantamento da Literatura, quais sejam: 1) Management Learning; 2) Journal of Transformative Education; 3) International Journal of Management, Knowledge and Learning e 4) Journal of Transformative Learning. Destaca-se que a busca nas citadas revistas foi motivada pelo pequeno número de trabalhos encontrados nas bases de dados Web of Science e Scopus; o termo “Theatre of the Oppressed” foi utilizado para pesquisar os campos “Título”, “Palavras-Chave” e “Resumo” nas citadas revistas; há uma exceção na revista numerada como “4) Journal of Transformative Learning”, pois na página do periódico não é possível aplicar filtros, motivo pelo qual o termo foi pesquisado na ferramenta de busca de forma generalizada. Apresentaram-se os seguintes resultados:

- 1) Management Learning: oito artigos foram encontrados, sendo que nenhum deles trata de estudos realizados em organizações;
- 2) Journal of Transformative Education: nenhum resultado encontrado;
- 3) International Journal of Management, Knowledge and Learning: nenhum resultado encontrado;
- 4) Journal of Transformative Learning: conforme destacado acima, não foi possível aplicar filtros na página deste periódico. A ferramenta de busca encontrou apenas um artigo, que trata de uma revisão das ferramentas de avaliação da aprendizagem transformadora (ROMANO, 2018), no qual é citado um trabalho da própria autora com Teatro do Oprimido em práticas educacionais, junto a estudantes em uma Universidade italiana;

Assim, considerando as pesquisas adicionais feitas, sem resultados significativos voltados à aplicação do Teatro do Oprimido em Organizações, a seção seguinte será dedicada à análise dos oito matérias encontrados, conforme os critérios de busca descritos anteriormente. Ressalte-se que, embora haja trabalhos relacionando a Teoria da Aprendizagem Transformadora com o Teatro do Oprimido, o que seria de esperar, considerando as raízes freirianas em ambas as obras, o foco deste levantamento concentrou-se em encontrar estudos em âmbito organizacional.

Sobre os artigos encontrados

O trabalho “The Dialogical Process: Towards a Critical Research Methodology for Practice-Based Organisational Research” (THORNTON; ARMITAGE, 2010) é o único que constava somente na base da Web of Science. Trata-se de um artigo de conferência e por isso só foi possível analisar o resumo disponível. O foco parece ser a defesa de uma postura crítica e reflexiva que possa ser aplicada por pesquisadores nos contextos organizacionais, a partir do diálogo com os participantes da pesquisa, entendidos como co-pesquisadores. Os autores referenciam as bases teóricas subjacentes nos processos dialógicos de Paulo Freire e no Teatro do Oprimido de Augusto Boal, como fundamentos para a ênfase em práticas emancipatórias e democráticas. Embora se fale em uma postura crítica e reflexiva, parece não haver relação direta com a Teoria da Aprendizagem Transformadora, de Mezirow, nem tampouco alguma pesquisa empírica a respeito do Teatro do Oprimido em Organizações, que foi utilizado para a composição do campo teórico proposto.

Todos os próximos trabalhos foram encontrados na Scopus, e os dois últimos também na Web of Science. “Improv theater for leadership pedagogy” (BOJE; BONIFER, 2020) é um capítulo de livro, que teve o acesso limitado ao resumo. Ele faz parte de um livro que se propõe a ser um manual de consultoria em contação de histórias quânticas, por meio de narrativa quântica, como um teatro de improvisação para a mudança social. No resumo acessível pela base de dados, os autores reivindicam a inspiração em Boal e Freire, ao mesmo tempo em que

utilizam termos duvidosos, sem maiores explicações, como “sobrevivência pós-humana”, “colapsar ondas de potencialidade quântica”, e tratam a improvisação como a essência processo de mudança social. Pela indisponibilidade do texto completo, não foi possível analisar a que se referem tais afirmações, mas com alguma segurança é possível dizer que o capítulo não está relacionado de forma visceral às ideias e práticas defendidas por Freire, Boal ou Mezirow.

Outro capítulo de livro é o “Local Communities Have Stories to Tell: Storytelling for Social Inclusion” (BERTOLOTTI, 2020), inserido em um contexto de trabalhos que tratam a Universidade como direcionadora da inovação social – por meio das pesquisas de campo. Neste capítulo, especificamente, a função do profissional designer é trazida à tona, em suas estratégias de ir às comunidades trabalhar a inovação social; são descritas três experiências com a utilização de arte, uma delas com o Teatro do Oprimido, em Portugal. A pesquisadora autora do texto descreve a própria experiência na Ilha da Madeira, em uma noite na qual o teatro trazia à tona a violência nos relacionamentos e as barreiras de gênero. Desenvolve-se uma explicação sobre as cenas ali problematizadas, bem como seus fundamentos no pensamento de Paulo Freire e Augusto Boal; a busca é a de trazer cenas da vida real para o palco e são dados exemplos de práticas opressoras em diversos lugares do mundo, onde o Teatro do Oprimido tem sido utilizado como forma de repensar a vida e transformá-la. O belo relato, contudo, não trata de nenhum ambiente organizacional, nem na apresentação teórica, nem na descrição da peça encenada.

Os demais trabalhos são todos no formato de artigo, publicados em periódicos. Em “Ameliorating Workplace Harassment among Direct Caregivers in Canada’s Healthcare System: A Theatre-Based Intervention” (QUINLAN et al., 2020) é relatada uma intervenção junto a cuidadores canadenses para abordar o assédio no local de trabalho. Por meio da utilização de técnicas do Teatro do Oprimido, as interações sociais são colocadas em cena, de modo a melhor entender os códigos normativos subjacentes às relações estabelecidas. Coletivamente, foram desenvolvidas estratégias de resistência às situações opressivas e houve estímulo para que os participantes levassem as novas perspectivas desenvolvidas ao local de trabalho. A fundamentação teórica do artigo adota uma visão crítica e materialista, explicitando sua base em Marx e no entendimento de suas aplicações para contextos organizacionais, em Braverman. A reflexão é tratada como algo que ocorre coletivamente e a Teoria da Aprendizagem Transformadora não faz parte do texto.

“Toward a systems theatre: Proposal for a program of non-trivial modeling” (SCHOLTE, 2018) traz uma abordagem inovadora a respeito do Teatro do Oprimido, ao propor sua utilização em um programa de modelagem sistêmica. Interseccionando sistemas sociais complexos e sistemas computacionais, o autor defende que a modelagem de sistemas baseada no Teatro Fórum – que compõe o Teatro do Oprimido, pode beneficiar os sistemas sociais à medida em que pode integrá-los, de maneira interdisciplinar. Trata-se de uma abordagem teórico-empírica, que desenvolve algumas modelagens de sistemas, dentro de uma comunidade de cientistas. Apesar do valor trazido pela inovadora proposta, o artigo não tem como foco a utilização do Teatro do Oprimido na problematização do ambiente organizacional; sua principal contribuição é a construção de uma interface entre sistemas sociais complexos, cibernética e teatro. Não há menção a construtos de Mezirow ou qualquer aprofundamento a respeito da reflexão crítica.

O artigo “Technology, Methodology and Intervention: Performing Nanoethics in Portugal” (CARVALHO; NUNES, 2013) apresenta uma intervenção feita por meio do Teatro do Oprimido em um grupo focal, que tratava de aspectos éticos e sociais das tecnologias emergentes, como a nanotecnologia. A pesquisa foi desenvolvida em Coimbra, Portugal, e fez parte de um projeto de pesquisa financiado pela Comissão Europeia, que busca inserir

abordagens dialógicas na produção de conhecimento. Baseados em Paulo Freire, os pesquisadores produziram um emaranhado que envolvia as questões tecnológicas com uma reflexão sobre a situação social, política e cultural dos participantes e procuraram traduzir em performances as preocupações trazidas à tona pelas reflexões desenvolvidas. O pano de fundo é a participação pública nos desenvolvimentos de ciência e tecnologia, buscando refletir sobre suas consequências éticas e sobre como as escolhas metodológicas podem afetar o que se produz na sociedade. Com um aprofundamento sobre questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas, o artigo contribui para a reflexão sobre tecnologias, ética e o processo de conscientização, utilizando o Teatro do Oprimido como forma de visibilizar implicações atuais e vislumbrar futuras – num exercício de pensamento sobre a sustentabilidade. Os participantes foram membros de associações, organizações ou movimentos ligados à nanotecnologia e as intervenções ocorreram em ambiente universitário. A base teórica do trabalho está composta principalmente pelos trabalhos de Freire e Boal, sem referências à reflexão crítica ou a qualquer construto de Mezirow.

Por fim, estão os dois artigos que constam tanto na Web of Science quanto na Scopus; em “Theatrics of SEAM” (BOJE; ROSILE, 2003), o primeiro autor é o mesmo referenciado no capítulo de livro a respeito de contação de histórias quânticas; reforçando a impressão inicial daquele capítulo, a leitura integral deste artigo revela uma utilização do Teatro do Oprimido não necessariamente ancorada em pressupostos desenvolvidos por Boal; a proposta é encarar a organização como um teatro e acumular múltiplas perspectivas no que os autores chamam de abordagem socioeconômica da gestão. O teatro é visto como uma ferramenta para a mudança organizacional e diversas abordagens da arte são citadas, propondo uma perspectiva pós-moderna, fragmentada e baseada em metascripts que seriam os constituintes da gestão da mudança. Talvez por limitação deste autor, não foi possível identificar os pressupostos subjacentes às proposições do trabalho; contudo, é possível afirmar que o texto desenvolvido não tem como principais bases os trabalhos de Freire e Boal, além de não fazer nenhuma referência a conceitos da Teoria da Aprendizagem Transformadora. Também não é feita nenhuma menção sobre processos reflexivos.

Em “Counter-Narratives Mobilized by Deprived Communities Through Theatre Interventions: Deconstructing and Reframing Master Narratives” (SALDANHA et al., 2022), investiga-se como uma organização sem fins lucrativos cria espaços de desconstrução das narrativas dominantes, junto a comunidades carentes do Canadá; articulam-se construções teóricas a respeito das narrativas com as técnicas do Teatro do Oprimido, estas últimas já utilizadas pela organização há mais de 20 anos. Trata-se da utilização do teatro por uma organização junto ao seu público de atendimento e não da utilização em ambiente organizacional. A base teórica trata a narrativa como um paradigma em si e, diferentemente da maioria dos trabalhos encontrados, não há menção a Paulo Freire e a utilização da obra de Boal acontece de maneira mais técnica, tomando por fundamento teórico o trabalho de Deetz (DEETZ, 2008). O principal ponto de atenção é a exclusão social e a utilização de contra-narrativas como modo de lutar contra fontes de opressão; na seção final, há uma sugestão para que estudos futuros abordem questões como opressão e utilização de contra-narrativas em ambiente organizacional. Apesar de citar a importância de práticas reflexivas, não há menção à Teoria da Aprendizagem Transformadora.

Os achados revelaram que, apesar dos filtros utilizados, o que de fato se procurava foi encontrado em apenas um dos trabalhos; a aplicação efetiva do Teatro do Oprimido ficou restrita ao artigo que trata de questões relativas ao assédio sofrido por cuidadores, em estudo realizado no Canadá (QUINLAN et al., 2020). Como proposta teórica, o artigo de conferência (THORNTON; ARMITAGE, 2010) defende a possibilidade dessa utilização.

CONCLUSÃO / CONTRIBUIÇÃO

Os trabalhos apresentados na revisão de literatura não relacionam o Teatro do Oprimido com a Teoria da Aprendizagem Transformadora. Em resumo, o que se vê nos trabalhos revisados é uma abordagem que utiliza técnicas do Teatro do Oprimido para diversas finalidades, destacando processos de conscientização social e problematização de dilemas da atualidade. Além disso, apenas uma das publicações refletiu efetivamente a aplicação do Teatro do Oprimido em questões relativas ao trabalho (QUINLAN et al., 2020), ainda que o desenvolvimento da peça não tenha se dado em ambiente organizacional.

A respeito dos levantamentos bibliográficos, não foi objeto deste trabalho comparar a quantidade de produção científica nos últimos anos sobre o Teatro do Oprimido, com o total de produção acadêmica constante nas bases de dados; portanto, embora se tenha falado na discussão de resultados sobre um possível aumento de interesse pelo assunto, seria de grande proveito comparar este aumento da produção acadêmica com números totais, de modo a confirmar ou refutar a hipótese levantada.

Além disso, o baixo número de publicações em língua portuguesa parece denotar uma subutilização do potencial de pesquisas no seio do país onde nasceram tanto a Pedagogia do Oprimido quanto o Teatro do Oprimido; contudo, é preciso avaliar comparativamente, para que se tenha uma melhor dimensão da representatividade destes trabalhos em relação à produção acadêmica, em geral; outro fator a ser analisado é o nível de internacionalização da pesquisa brasileira, considerando a premente necessidade de publicações em língua inglesa, o que, embora não seja tema deste artigo, não passa despercebido enquanto um recorte hegemônico atravessado por questões culturais, econômicas, sociais e políticas.

A Teoria da Aprendizagem Transformadora, por sua vez, encontra diversas utilizações no ambiente de trabalho e, embora não tenha sido objeto deste estudo, há publicações específicas sobre sua utilização em ambiente corporativo, com destaque para o desenvolvimento de espaços reflexivos nas organizações (COTTER, 2014), (VINCE; REYNOLDS, 2009), (RIGG; TREHAN, 2008).

Paulo Freire é o pensador que faz a amálgama entre a Teoria da Aprendizagem Transformadora e o Teatro do Oprimido; tendo influenciado significativamente ambos os campos, pôs viva sua defesa da práxis (FREIRE, 2022). Ele pensa a conscientização como o passo precedente à ação e rejeita a ação como válida em si mesma; ao contrário, a ação ocorre a partir de uma profunda reflexão, ao nível dos pressupostos, não só mentais, mas também materiais, culturais, sociais e políticos. Mesclar o pensamento e a ação crítica para uma “transitividade crítica”, na qual os sujeitos são capazes de transformar a realidade por meio de decisões refletidas e de sua capacidade de agir, é algo que ganha corpo com Boal e aprofunda a reflexão dos pressupostos, com Mezirow.

A reflexão crítica é o instrumento pelo qual a aprendizagem transformadora acontece; a ação, o corpo em ato, a incorporação dos saberes nas trocas da convivência, no palco das organizações e da vida, são a condição para que a transformação não seja refém da individualidade como progresso pessoal. À época de Freire, o oprimido era essencialmente o pobre, não letrado, que atribuía ao divino sua condição deteriorada – numa intransitividade crítica; mas hoje, onde estão as opressões? É possível que alguém seja bem instruído, tenha um bom salário e, mesmo assim, esteja em uma condição de opressão? Nesse mesmo sentido, as organizações são capazes de produzir e reproduzir desigualdades? De que formas elas se dão?

Longe de pretender responder a essas perguntas, procura-se problematizar como forma de provocar a reflexão crítica e a ação transformadora.

Estudar a utilização do Teatro do Oprimido em Organizações traz a reflexão necessária sobre a opressão quando coloca em ato a realidade de vida, refletindo e agindo sobre ela. Quem é o oprimido hoje? As respostas podem ser múltiplas. Mas: quem é o oprimido nas organizações? Pode-se refletir criticamente e agir coletivamente para que a dinâmica de opressão não seja maniqueísta, entre opressores e oprimidos, e sim reveladora das condições que sustentam essas relações, com suas diversas interpenetrações e abrindo campos de possível. Enquanto o teatro de Boal é reconhecido há bastante tempo em campos como, por exemplo, o trabalho social (BARAK, 2016), a teoria de Mezirow goza do mesmo reconhecimento no campo da aprendizagem transformadora (TAYLOR, 2007). Assim, essas duas forças são capazes de potencializar os efeitos de práticas reflexivas e ativas para a transformação da realidade.

Uma das críticas feitas aos estudos sobre reflexão crítica é a de que geralmente eles enfatizam a “poiesis sobre a práxis” (COTTER, 2014). Colocar o corpo em ato, sem prescindir da reflexão, pode ser um caminho ativo de ação coletiva e crítica nas organizações; além disso, coletivizar as dinâmicas, problematizando-as de forma individual, pode acarretar um corolário de efeitos indesejados nas relações de trabalho, o que pode ter outra configuração quando as demandas se coletivizam.

As organizações afetam o mundo em suas políticas, procedimentos, em seus objetivos sociais e econômicos, nos modos de lidar com empregados, clientes e com a comunidade como um todo (KUCHINKE, 2010). Responsabilizar-se pelas formas como vivemos nas organizações significa produzir mundos, colocar o corpo em cena, como uma questão atual e fundamental para se pensar na vida e na sociedade que estamos construindo para as gerações futuras. Nesse sentido, discutir como as práticas organizacionais produzem e reproduzem conjuntos de valores é uma questão fundamental, não só do ponto de vista reflexivo, mas também do corpo em ato, visto que a produção de subjetividades e sociabilidades são a matéria de produção da realidade (GUATTARI, 2012a).

Por fim, sugere-se que opressões contemporâneas sejam problematizadas a partir de perspectivas que envolvam o Teatro do Oprimido em organizações, em uma aliança com a Teoria da Aprendizagem Transformadora. Pode-se falar em opressões existentes nas condições de gênero, raça, sexualidade, idade, e as várias interseccionalidades possíveis, além da óbvia opressão relacionada à classe social; embora as condições materiais sejam produtoras de desigualdades, o tecido social é composto por subjetividades que compõem uma ecologia subjetiva, social e ambiental (GUATTARI, 2012b). Espera-se que a provocação desta ecologia tenha se atualizado neste trabalho; se foi possível refletir criticamente, de alguma maneira, o tipo de vida que se quer produzir, o próximo passo será colocar o corpo em ato, na sociedade, na academia, no encontro com o outro que compartilha a responsabilidade de inventar um novo mundo possível (GORZ, 2005), onde aqueles que tomam consciência podem agir produzindo alianças para maior justiça social.

REFERÊNCIAS

BABBAGE, F. **Augusto Boal**. Abingdon: Routledge, 2018.

BARAK, A. Critical consciousness in critical social work: Learning from the theatre of the oppressed. **British Journal of Social Work**, v. 46, n. 6, p. 1776–1792, 1 set. 2016.

- BERTOLOTTI, E. Local Communities Have Stories to Tell: Storytelling for Social Inclusion. Em: **Universities as Drivers of Social Innovation: Theoretical Overview and Lessons from the “campUS” Research**. [s.l.] Springer, 2020. p. 93–102.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BOJE, D. M.; BONIFER, M. Improv theater for leadership pedagogy. Em: RAVETZ, J. (Ed.). **Deeper City: Collective Intelligence and the Pathways from Smart to Wise**. Abingdon: Routledge, 2020.
- BOJE, D.; ROSILE, G. A. Theatrics of SEAM. **Journal of Organizational Change Management**, v. 16, n. 1, p. 21–32, 2003.
- CANDA, C. N. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. **Holos**, v. 4, p. 188–198, 2012.
- CARVALHO, A.; NUNES, J. A. Technology, Methodology and Intervention: Performing Nanoethics in Portugal. **NanoEthics**, v. 7, n. 2, p. 149–160, ago. 2013.
- COTTER, R. J. Reflexive spaces of appearance: Rethinking critical reflection in the workplace. **Human Resource Development International**, v. 17, n. 4, p. 459–474, 2014.
- DEETZ, S. Engagement as co-generative theorizing. **Journal of Applied Communication Research**, v. 36, n. 3, 2008.
- DELEUZE, G. **Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- DELEUZE, G. **Conversações (1972-1990)**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 42ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 82ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012b.
- KITCHENHAM, A. The evolution of John Mezirow’s transformative learning theory. **Journal of Transformative Education**, v. 6, n. 2, p. 104–123, 2008.
- KUCHINKE, K. P. Human development as a central goal for human resource development. **Human Resource Development International**, v. 13, n. 5, p. 575–585, 2010.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LEMONS, V. A. F.; BRUNSTEIN, J. Fostering soft skills leadership through a critical reflection approach. **Industrial and Commercial Training**, v. 55, n. 1, p. 143–156, 2 jan. 2023.
- MEZIROW, J. Transformative Learning: Theory to Practice. **New Directions for Adult and Continuing Education**, v. 1997, n. 74, 1997.
- MEZIROW, J.; TAYLOR, E. W.; AND ASSOCIATES. **Transformative Learning in Practice: Insights from Community, Workplace, and Higher Education**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2009.

- QUINLAN, E. et al. Ameliorating Workplace Harassment among Direct Caregivers in Canada's Healthcare System: A Theatre-Based Intervention. **Work, Employment and Society**, v. 34, n. 4, p. 626–643, 1 ago. 2020.
- RIGG, C.; TREHAN, K. Critical reflection in the workplace: Is it just too difficult? **Journal of European Industrial Training**, v. 32, n. 5, p. 374–384, 2008.
- ROMANO, A. Transformative Learning: A Review of the Assessment Tools. **Journal of Transformative Learning**, v. 5, n. 1, p. 53–70, 2018.
- ROMANO, A. How to embed performative “Theatre of the Oppressed” in Higher Education systems. **Education in the North**, v. 26, n. 1, p. 26–41, 2019.
- SALDANHA, F. P. et al. Counter-Narratives Mobilized by Deprived Communities Through Theatre Interventions: Deconstructing and Reframing Master Narratives. **Management Communication Quarterly**, v. 0, n. 0, p. 1–30, 2022.
- SCHOLTE, T. Toward a systems theatre: Proposal for a program of non-trivial modeling. **Futures**, v. 103, p. 94–105, 1 out. 2018.
- TAYLOR, E. W. An update of transformative learning theory: a critical review of the empirical research (1999–2005). **International Journal of Lifelong Education**, v. 26, n. 2, p. 173–191, 2007.
- THORNTON, A.; ARMITAGE, A. **The Dialogical Process: Towards a Critical Research Methodology for Practice-Based Organisational Research**. Proceedings of the 9th European Conference on Research Methodology for Business and Management Studies. **Anais...Madrid: Academic Conferences Ltd**, 2010.
- VINCE, R.; REYNOLDS, M. Reflection, reflective practice and organizing reflection. Em: **The SAGE Handbook of Management Learning, Education and Development**. [s.l.] SAGE Publications Inc., 2009. p. 89–103.